



## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 | Senhorita Polly

11

CAPÍTULO 2 | O velho Tom e Nancy

16

CAPÍTULO 3 | A chegada de Poliana

20

CAPÍTULO 4 | O quartinho do sótão

28

CAPÍTULO 5 | O jogo

36

CAPÍTULO 6 | Uma questão de dever

41

CAPÍTULO 7 | Poliana e os castigos

50

CAPÍTULO 8 | Poliana faz uma visita

55

CAPÍTULO 9 | O que diz sobre o Homem

64

CAPÍTULO 10 | Uma surpresa para a senhora Snow

69



CAPÍTULO 11 | Apresentando Jimmy  
78

CAPÍTULO 12 | Antes da Sociedade Auxiliadora Feminina  
88

CAPÍTULO 13 | No bosque de Pendleton  
92

CAPÍTULO 14 | Somente uma questão de geleia  
98

CAPÍTULO 15 | Doutor Chilton  
104

CAPÍTULO 16 | Uma rosa vermelha e um xale de renda  
114

CAPÍTULO 17 | "Assim como nos livros"  
121

CAPÍTULO 18 | Prismas  
127

CAPÍTULO 19 | Que é um tanto surpreendente  
132

CAPÍTULO 20 | Que é ainda mais surpreendente  
136

CAPÍTULO 21 | Uma pergunta respondida  
142



CAPÍTULO 22 | Sermões e caixas para lenha

148

CAPÍTULO 23 | Um acidente

155

CAPÍTULO 24 | John Pendleton

161

CAPÍTULO 25 | Um jogo de espera

168

CAPÍTULO 26 | Uma porta entreaberta

174

CAPÍTULO 27 | Duas visitas

178

CAPÍTULO 28 | O jogo e seus jogadores

185

CAPÍTULO 29 | Por uma janela aberta

197

CAPÍTULO 30 | Jimmy toma as rédeas

202

CAPÍTULO 31 | Um novo tio

205

CAPÍTULO 32 | Que é uma carta de Poliana

207





## CAPÍTULO 1

# Senhorita Polly

A senhorita Polly Harrington entrou na cozinha de maneira apressada naquela manhã de junho. Ela não costumava fazer movimentos apressados; na verdade, tinha orgulho da tranquilidade de seus modos. Mas hoje ela estava se apressando, realmente se apressando.

Nancy, que lavava pratos na pia, ergueu os olhos com surpresa. Fazia apenas dois meses que Nancy estava trabalhando na cozinha da senhorita Polly, mas ela já sabia que a patroa não costumava se apressar.

– Nancy!

– Sim, senhora – respondeu Nancy com alegria, sem parar de secar o jarro que estava segurando.

– Nancy – a voz da senhorita Polly soou muito severa desta vez –, quando eu estiver falando com você, gostaria que parasse de trabalhar e prestasse atenção ao que eu tenho a dizer.

Nancy ficou corada. Largou imediatamente o jarro, com o pano ainda em volta dele, o que quase fez a peça cair, e isso não contribuiu para a compostura dela.

– Sim, senhora; vou fazer isso, senhora – gaguejou ajeitando o jarro e se virando de maneira afobada. – Estava apenas dando continuidade ao meu trabalho, pois a senhora me disse que hoje especialmente eu deveria me apressar na lavagem da louça.

A patroa franziu as sobrancelhas.

– Basta, Nancy. Eu não pedi explicações. Pedi a sua atenção.

– Sim, senhora. – Nancy abafou um suspiro. Ela estava se perguntando se algum dia seria capaz de agradar àquela mulher. Nancy nunca havia “trabalhado fora” antes; mas uma mãe enferma que

enviuvara de repente, ficando com três crianças pequenas além de Nancy, obrigara a garota a trabalhar para ajudá-las, e ela havia ficado muito contente quando encontrou uma vaga na cozinha da mansão no alto da colina. Nancy tinha vindo de Corners, que ficava a cerca de dez quilômetros dali, e conheceu a senhorita Polly Harrington apenas como a senhora do antigo solar dos Harrington, e uma das mais ricas moradoras da cidade. Mas isso fazia dois meses. Ela agora conhecia a senhorita Polly como uma mulher austera e de rosto severo que franzia as sobrancelhas se uma faca caísse tilintando no chão, ou se uma porta batesse, mas que nunca considerava sorrir, mesmo quando as facas e as portas estivessem quietas.

– Quando você terminar o trabalho da manhã, Nancy – dizia agora a senhorita Polly –, você pode arrumar o quartinho no topo das escadas do sótão e armar a cama. Varra o cômodo e limpe-o, é claro, depois que você retirar dali os baús e as caixas.

– Sim, senhora. E, por favor, onde devo guardar as coisas que eu retirar dali?

– Na frente do sótão. – A senhorita Polly hesitou, mas depois prosseguiu. – Acho que é melhor contar para você agora, Nancy. Minha sobrinha, a senhorita Poliana Whittier, vem morar comigo. Ela tem 11 anos, e vai dormir naquele quarto.

– Uma garotinha... vindo para cá, senhorita Harrington? Ah, que bom! – exclamou Nancy, pensando na alegria que era conviver com as irmãs menores na sua casa em Corners.

– Bom? Bem, essa não é exatamente a palavra que eu usaria – replicou com rigor a senhorita Polly. – No entanto, pretendo fazer o melhor que puder, é claro. Sou uma boa mulher, assim espero. E sei o meu dever.

Nancy ficou corada.

– É claro, senhora; eu só pensei que uma garotinha por aqui talvez pudesse... alegrar as coisas para a senhora – titubeou ela.

– Obrigada – respondeu a senhora secamente. – No entanto, não posso dizer que vejo qualquer necessidade imediata disso.

– Mas é claro, a senhora... a senhora quer bem à filha de sua irmã. – Nancy se arriscou a dizer, sentindo que de algum modo ela deveria preparar as boas-vindas para essa pequena e solitária desconhecida.

A senhorita Polly ergueu o queixo com altivez.

– Bem, na verdade, Nancy, só porque aconteceu de eu ter uma irmã que foi tonta o bastante para se casar e colocar crianças desnecessárias em um mundo já cheio o bastante de gente, não consigo entender por que deveria particularmente ter de cuidar delas eu mesma. No entanto, como disse antes, espero que eu saiba o meu dever. Certifique-se de limpar as quinas, Nancy – concluiu ela, severa, à medida que saía do cômodo.

– Sim, senhora – suspirou Nancy, e pegou o jarro ainda um pouco molhado, agora tão frio que teria de ser secado mais uma vez.

Em seu quarto, a senhorita Polly pegou mais uma vez a carta que havia recebido dois dias antes, vinda de um distante povoado a oeste, e que fora uma surpresa muito desagradável para ela. A carta estava endereçada à senhorita Polly Harrington, Beldingsville, Vermont, e dizia o seguinte:

*Cara senhora,*

*Sinto informá-la de que o reverendo John Whittier morreu há duas semanas, deixando uma criança, uma menina de 11 anos de idade. Ele não deixou quase nada além de alguns livros; pois, como a senhora sem dúvida sabe, ele era o pastor da igreja desta pequena missão, e recebia um salário exíguo.*

*Creio que ele era o marido de sua finada irmã, mas me deu a entender que o relacionamento entre as famílias não era dos melhores. No entanto, ele pensou que, em nome da memória de sua irmã, a senhora poderia querer ficar com a criança e criá-la entre os parentes dela no leste. Por isso escrevo esta carta para a senhora.*

*A garotinha estará pronta para partir quando a senhora receber esta carta; e, se puder tomar conta dela, ficaríamos muito gratos se a senhora pudesse escrever dizendo que ela vá de imediato, pois há um homem e sua esposa aqui que em breve irão para o leste, e eles podem levá-la até Boston e botá-la no trem para Beldingsville. É claro que avisaríamos à senhora em que dia e em que trem deve esperar Poliana.*

*Espero ouvir em breve notícias favoráveis da senhora.*

*Respeitosamente,  
Jeremiah O. White.*

Franzindo as sobranceiras, a senhorita Polly dobrou a carta e colocou-a de volta no envelope. Ela havia escrito uma resposta no dia anterior, dizendo que com certeza ia acolher a criança. Esperava saber exatamente qual era seu dever, por mais desagradável que fosse a tarefa.

Sentada com a carta nas mãos, seus pensamentos se voltaram para a irmã Jennie, a mãe da criança, e para a época em que, com 20 anos, insistira em se casar com o jovem pastor, apesar da oposição da família. Um homem rico havia se interessado por ela, e a família preferia ele ao pastor, mas Jennie não tinha a mesma opinião. A seu favor, o homem rico tinha mais anos e mais dinheiro, enquanto o pastor tinha apenas uma mente jovem cheia dos ideais e do entusiasmo da juventude, e um coração repleto de amor. Jennie, quem sabe de maneira natural, havia preferido essas qualidades; então, casara-se com o pastor e fora com ele para o sul, na condição de esposa de um missionário nacional.

A separação havia acontecido. A senhorita Polly lembrava bem, apesar de na época ser apenas uma garota de 15 anos, a mais nova. A família havia tido pouco contato com a filha, que se tornara esposa do missionário. Para garantir a comunicação, a própria Jennie escrevera, por algum tempo, e dera à sua última filha o nome de "Poliana" em homenagem às suas duas irmãs, Polly e Anna; seus outros filhos haviam morrido. Aquela havia sido a última vez em que Jennie escrevera; e alguns anos depois veio a notícia de sua morte, escrita em um bilhete curto e desconsolado pelo próprio pastor, enviada de um pequeno povoado a oeste.

Enquanto isso, o tempo não havia parado para os residentes da mansão na colina. A senhorita Polly, olhando para a grande extensão do vale abaixo da colina, pensou nas mudanças que esses 25 anos haviam causado em sua vida.

Ela agora tinha 40 anos, e estava sozinha no mundo. Pai, mãe, irmãs: todos estavam mortos. Já fazia muitos anos que ela era a única dona da casa e dos milhares em dinheiro deixados por seu pai. Houve quem tivesse abertamente sentido pena de sua vida solitária; outros insistiram para que ela arrumasse um amigo ou companheiro; mas ela rejeitou a piedade e os conselhos. Ela não

era solitária, dizia. Ela gostava de ficar sozinha. Ela preferia a tranquilidade. Mas agora...

A senhorita Polly se levantou com o cenho franzido e os lábios bem cerrados. Sentia-se feliz, é claro, por ser uma mulher bondosa, e pelo fato não só de saber o seu dever como por ter um caráter forte o suficiente para cumpri-lo. Mas... *Poliana!* Que nome ridículo!